

MIGRAÇÃO “PERMANENTE” TEMPORÁRIA EM MATÃO/SP: UM ESTUDO SOBRE FAMÍLIA E CASAS DOS TRABALHADORES RURAIS



Giovana Gonçalves Pereira – RA:091340

Orientador: Prof^a. Dr^a. Rosana A. Baeninger

(e-mail: giovana@nepo.unicamp.br)

IFCH – INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
NEPO – NÚCLEO DE ESTUDOS DE POPULAÇÃO

Agência Financiadora: FAPESP
Palavras-Chave: Migração; Redes; Família



INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como objetivo ilustrar as modificações urbanas ocorridas na cidade de Matão/SP em razão da dinâmica estabelecida entre o segmento agroindustrial e trabalhadores do nordeste brasileiro com seus “*projetos migratórios*” individuais ou familiares. O estudo visa à compreensão das redes sociais existentes – ilustradas pela presença de sobrenomes comuns, coabitação de casas, entre outros – e a distribuição da população migrante no espaço urbano.

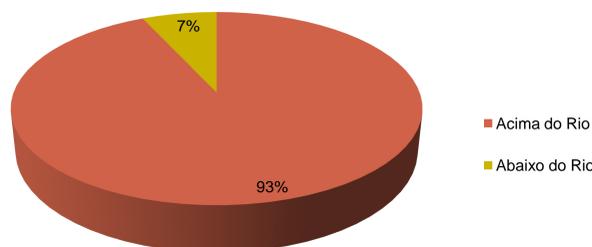
METODOLOGIA

A metodologia compreende métodos quantitativos e qualitativos, ilustrados na formulação de um banco de dados próprios – pautado em registros institucionais fornecidos pela Secretaria de Assistência e Bem-Estar Social – em conjunto com idas à campo – acompanhadas da Pastoral do Migrante – para percepção dos fluxos migratórios. Sendo utilizadas três cidades nordestinas como parâmetros de origem, seguindo as indicações institucionais: Jaicós/PI; Picos/PI e Igaci/AL.

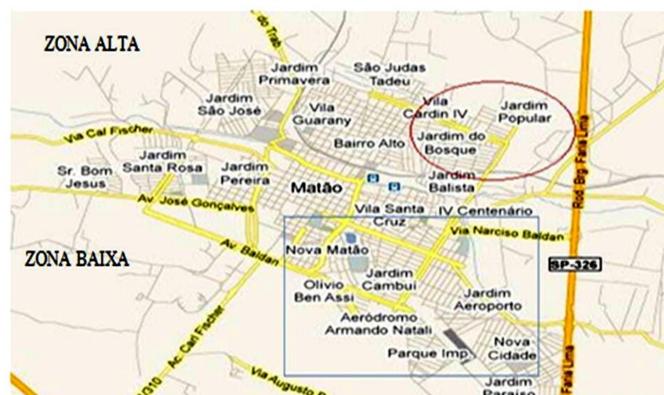
RESULTADOS & DISCUSSÃO TEÓRICA

Os resultados iniciais da análise do banco de dados indicam uma concentração majoritária da população em três bairros do município: Jardim do Bosque (32%), Jardim Popular (29%) e Vila Cardim (9%). Localizados nas zonas “altas” (93%), ou seja, acima do Rio São Lourenço – principal rio da cidade – enquanto que as zonas “baixas”, abaixo do rio, relacionadas aos bairros mais elitizados reúnem somente 7% da população. Têm-se que a concentração da população migrante resulta da divisão espacial pré-meditada do espaço urbano em “lugares de migrantes” e “lugares de moradores” (SILVA,1998) sendo ainda complementada pela divisão entre os segmentos sociais e econômicos já existentes. Além disso, a proximidade das “unidades domésticas” apresenta-se como condicionante na constituição das redes migratórias (MACDONALD & MACDONALD apud TRUZZI, 2008), bem como as origens semelhantes; os indícios de parentesco e filiação próximos, dados através dos nomes das mães dos pais ou responsáveis pelo núcleo familiar; participações em eventos religiosos e realização de festas típicas; as profissões ou vínculos empregatícios semelhantes e característicos a cada bairro observado; e pelo “seguro” de casa, cuja funcionalidade é a garantia de mesma moradia no pós-retorno a Matão/SP na safra seguinte, de tal maneira que “a casa é ponto de referencia e, ao mesmo tempo passagem, de modo a ensinar a impressão de que se pode sempre retornar.” (DUARTE & GOMES, 2008, p. 167).

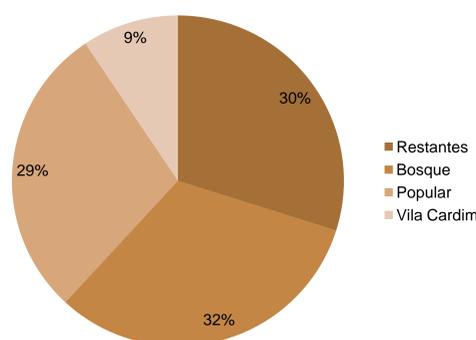
Distribuição da População segundo a divisão geográfica fluvial: Rio São Lourenço



Amostra: 616 pessoas



Distribuição / Bairros



BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- DUARTE, L. F. D. & GOMES, E. C. Casa e família nas classes populares In *Três Famílias: Identidade e trajetórias transgeracionais nas classes populares*. Rio de Janeiro. Ed. FGC,2008.
- SILVA, M. A. M. *Errantes do Fim do Século*. Ed.UNESP. São Paulo.1999.
- SILVA, M. A. M. *Expropriação da terra, violência e migração: camponeses maranhenses no corte da cana em São Paulo*. Cadernos CERU (versão online). vol. 19, no. 1, p. 165-180. 2008.
- TACCA, F. *Sapateiro, o retrato da casa: a representação da casa operário sapateiro francano através de seu próprio olhar fotográfico*. Dissertação de Mestrado. UNICAMP. 1990.
- TRUZZI, O. “Redes em Processo Migratório”. In *Tempo Social, Revista de Sociologia da USP*, v. 1, n. 20. p. 199 – 218. São Paulo. 2008.

CONCLUSÃO

Dado que a casa abriga, em si, o *eu individual*, oposto do *eu coletivo* – anulado pelo processo produtivo –, presente tanto no espaço da fábrica (TACCA, 1990), quanto da usina, e da lavoura (SILVA, 1999). – “(...) é no espaço da casa, que o “eu” encontra o tempo, da imagem/ação, de se afirmar como pessoa (...)” (TACCA, 1990, p.126). A identidade do *migrante* é, então, construída a partir do imaginário deste com sua terra natal; o constante diálogo entre o *ir e vir* os torna invisíveis para grande parte da população matonense. *Eles não são eles, são um*. A certeza de estarem aqui, de existirem como *pessoas* são as redes de relações sociais que possuem e suas *casas*, sendo a forma que eles, que nós, nos damos como “gentes”, “seres humanos”, nossa ligação com a *terra*.